



SUJEITO E (DES)ESPERANÇA:  
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE  
E A PANDEMIA

SUBJECT AND (UN)HOPE:  
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE  
AND THE PANDEMIC

Fabio SCORSOLINI-COMIN<sup>1</sup>

Julia Gonçalves BERTOLINO<sup>2</sup>

Soraya Maria Romano PACÍFICO<sup>3</sup>

## RESUMO

Este ensaio teórico tem como objetivo refletir sobre como a poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) pode ser disparadora de uma leitura de mundo no contexto da pandemia da COVID-19. O *corpus* foi constituído por poesias presentes nas obras *Alguma poesia* (originalmente publicada em 1930) e *Antologia poética* (originalmente publicada em 1962). O referencial teórico empregado foi o da análise do discurso pecheutiano, a AD. Para além de uma visão literária que associa a capacidade do autor ultrapassar a sua realidade, tornando-se atemporal, a AD nos ajuda a compreender a perenidade da condição humana capturada pelo modo como a ideologia interpela o sujeito, fazendo frente ao seu mundo, o que atravessa tanto o contexto de produção de Drummond como o atual. As reflexões

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail*: fabio.scorsolini@usp.br.

<sup>2</sup> Enfermeira pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail*: julia.bertolino@usp.br.

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail*: smrpacifico@ffclrp.usp.br.



operadas pelo contexto entre guerras no qual Drummond produziu boa parte de suas obras são revisitadas na pandemia da COVID-19, permanecendo os indícios de um sujeito que, individualmente, é incapaz de reagir, de promover a mudança, embora tenha a ilusão de ser um sujeito psicológico que tudo pode e que pode ser outro após o trânsito pandêmico.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Carlos Drummond de Andrade. Saúde mental. Pandemia. Literatura. Análise do discurso.

## **ABSTRACT**

This theoretical essay aims to reflect on how the poetry of Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) can be a trigger for a reading of the world in the context of the COVID-19 pandemic. The corpus was composed of poems from *Alguma poesia* (originally published in 1930) and *Antologia poética* (originally published in 1962). The theoretical reference used was the Pecheutian discourse analysis, AD (in Portuguese). Beyond a literary vision that associates the author's ability to surpass his reality, becoming timeless, discourse analysis helps us understand the perennality of the human condition captured by the way ideology interpellates the subject face his world, which crosses both the context of Drummond's production and the current one. The reflections operated by the interwar context in which Drummond produced a good part of his works are revisited in the pandemic of COVID-19, remaining the indications of a subject that, individually, is incapable of reacting, of promoting change, although he has the illusion of being a psychological subject that everything can and that can be another after the pandemic transit.

## **KEYWORDS**

Carlos Drummond de Andrade. Mental health. Pandemic. Literature. Discourse analysis.

## **INTRODUÇÃO**

As nossas inteligibilidades sobre o viver são construídas de modo complexo, por meio de diferentes vértices, mediadas tanto pelos conhecimentos formais que vamos adquirindo com o tempo, bem como frente às experiências que nos colocam diante de aprendizados importantes. No que se refere aos



conhecimentos formais, tanto as ciências da saúde como as ciências humanas se colocam a serviço da compreensão do humano, ainda que diferentes disciplinas possam conservar objetivos específicos nesse domínio.

Um dos autores que mais contribuem para essa discussão é Antônio Candido, ao tratar do processo de humanização promovido pela literatura. Para este autor, uma das funções da literatura é promover a humanização, com base no despertar da sensibilidade e do reconhecimento de que a arte ocupa uma posição muito importante em nosso processo civilizatório (Candido, 2010). Este estudo parte da integração entre as chamadas ciências da saúde e as ciências humanas, buscando contribuir com um conjunto de investigações que têm se disponibilizado para romper com as fronteiras impostas por essas disciplinas (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021; Mandelbaum, 2019; Oguisso; Silva, 2017; Scorsolini-Comin; Figueiredo, 2018; Silva; Alves; Rodrigues, 2014).

Assim, o presente estudo foi pensado para fortalecer esse diálogo, partindo da premissa de que o processo de humanização, por exemplo, tanto o estudado na literatura por Candido (2010) como pelas ciências da saúde nas práticas de cuidado, referem-se, em essência, a dobras de uma mesma camada que almeja compreender a dimensão do humano. Aventamos, portanto, a reflexão proposta pela literatura como possibilidade de leitura do mundo atual e de humanização (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021), precisamente em como a poesia de Carlos Drummond de Andrade pode contribuir para o estudo da sociedade em meio à pandemia de COVID-19 (Scorsolini-Comin, 2022), período delimitado, oficialmente, pela Organização Mundial da Saúde, entre março de 2020 e maio de 2023.



Carlos Drummond de Andrade, nascido em 1902 e falecido em 1987, é um dos maiores nomes da poesia brasileira. Iniciou sua carreira como autor em 1928, quando publicou o poema *No meio do caminho*, que gerou inúmeras críticas. Logo depois, em 1930, publica sua primeira obra, *Alguma poesia*. Sua poética é baseada em acontecimentos de sua vida e em observações do cotidiano. Dessa forma, retrata experiências, sentimentos e observações sobre o mundo e o humano (Silva *et al.*, 2021).

Drummond pode ser considerado um dos escritores mais completos da literatura brasileira, uma vez que passou pelo jornalismo e dedicou-se a gêneros como a prosa, a crônica, o conto e a poesia, bem como a ensaios. Ainda segundo Silva *et al.* (2021), o mineiro foi notável pelo seu prosaísmo, irreverência, ironia, humor e melancolia, sendo que a sua obra é composta de versos livres e sonetos, linguagem simples e erudita, o que o faz, de fato, um autor multifacetado.

O livro *Alguma poesia* foi publicado por Drummond, em 1930, fazendo sua estreia na poesia. A obra é dedicada a seu amigo Mário de Andrade, com quem trocava cartas sobre literatura. Nessa obra, aborda temáticas como o amor, os amigos, o cotidiano, a discussão sobre a própria poesia e a sociedade capitalista, mas a essência de sua obra é a tríade: um eu todo retorcido, a família e a metrópole (Silva *et al.*, 2021).

Já mais amadurecido, em 1962, publicou sua *Antologia poética*, em um processo de seleção de textos feito pelo próprio poeta. O livro é dividido em nove seções, compostas por poemas presentes em outras obras do escritor mineiro. Seu núcleo temático é diversificado, o que permite uma ampla gama de possibilidades de estudos. Além disso, cada uma das divisões possui um título dado pelo próprio autor que norteia seu eixo



temático: (1) Um eu todo retorcido; (2) Uma província: esta; (3) A família que me dei; (4) Cantar de amigos; (5) Na praça de convites; (6) Amar-amaro; (7) Poesia contemplada; (8) Uma, duas argolinhas; (9) Tentativa de exploração e de interpretação do estar no mundo.

Os textos de Drummond abordam a existência humana e, assim, conseguem instigar o leitor a questionar seu papel no mundo atual ou até seus comportamentos em sociedade. Dessa forma, a crítica literária tem referido que o toque atemporal da poética de Drummond permite que a usemos de empréstimo para ler o mundo à nossa volta, independentemente da época em que são produzidos esses gestos de leitura (Oliva, 2019).

Com esse argumento é que este estudo emprega a poesia do autor para refletir sobre o contexto da pandemia da COVID-19. O primeiro caso de infecção pelo SARS-CoV-2 aconteceu na China em dezembro de 2019 (Xiao, 2020). A disseminação em nível mundial e em escala de tempo curta fez a Organização Mundial da Saúde decretar a pandemia no dia 11 de março de 2020. Devido à gravidade dos sintomas e aumento significativo de casos, as demandas hospitalares aumentaram e, assim, foram necessárias medidas de tratamento e segurança diferentes.

Segundo Ferguson *et al.* (2020), com a ausência da vacina, em primeiro momento, foram avaliadas intervenções não farmacêuticas capazes de reduzir a transmissão do vírus pela diminuição da taxa de contato populacional. Dessa forma, pesquisadores propuseram que a mitigação ideal envolveria isolamento domiciliar de casos suspeitos, quarentena domiciliar para aqueles que tiveram contato com o indivíduo possivelmente infectado e distanciamento social dos idosos e da população dos grupos de risco. Esse conjunto de ações poderia reduzir a demanda do sistema de saúde e as mortes.



No entanto, a pandemia ainda resultaria em milhares de mortes e sistemas de saúde sobrecarregados (Ferguson *et al.*, 2020), até a declaração do fim da emergência de saúde pela Organização Mundial da Saúde, no primeiro semestre de 2023.

Os efeitos da pandemia para a saúde humana vão além dos sintomas físicos da doença, havendo consequências na saúde mental da população. Pacientes infectados ou com caso suspeito podem sentir medo das consequências da doença. Podem experienciar tédio, raiva ou solidão; ademais, os sintomas físicos da doença e os efeitos do tratamento podem aumentar a ansiedade, a insônia e o sofrimento mental (Pfefferbaum; North, 2020; Xiang *et al.*, 2020). De acordo com Wang *et al.* (2020), sintomas de ansiedade e de depressão se ampliaram, principalmente, em profissionais da saúde. Pesquisas com diversas populações trouxeram resultados semelhantes, revelando a perplexidade com que o meio científico e a sociedade se debruçaram sobre a tentativa de compreender esse momento (Jorge; Mello; Nunes, 2020), bem como apontaram para a necessidade de acompanhamentos dos efeitos a médio e longo prazos, o que vem sendo empreendido em diferentes frentes de estudos, sobretudo no campo das ciências da saúde (Scorsolini-Comin, 2023). No entanto, tais repercussões devem produzir inquietações em diferentes disciplinas, a exemplo das ciências humanas e sociais.

Ornell *et al.* (2020) levantam uma questão importante: será que há uma pandemia de medo e de estresse coexistente à pandemia de COVID-19? Na pandemia, muitas pessoas saudáveis tiveram seus níveis de estresse, de medo e de ansiedade aumentados. Inclusive, a maioria dos indivíduos que já possuíam algum transtorno psiquiátrico tiveram os sintomas intensificados. Outrossim, o número de pessoas com saúde mental prejudicada foi maior



que o número de pessoas infectadas. Além disso, as consequências da saúde psicológica prejudicada têm maior duração que a própria epidemia (Ornell *et al.*, 2020).

A Organização Mundial da Saúde afirma que saúde mental é o estado de bem-estar em que a pessoa é capaz de apreciar a vida e de exercer suas atividades diárias, ao mesmo tempo que administra suas emoções. Diversas estratégias podem ser empregadas no cuidado em saúde mental de natureza não medicamentosa. É neste ponto que incluímos o diálogo com a literatura como forma de reflexão sobre o humano e como cuidado em saúde mental (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021).

A leitura, por exemplo, é fundamental no crescimento humano e pode trazer muitos benefícios à vida quando executada: estimula a criatividade, a imaginação, a memória, bem como melhora o processo de escrita, aumenta o vocabulário e atribui um olhar crítico à vida. Segundo Freire *et al.* (2021), a leitura está intimamente ligada com o seu conhecimento de mundo, possibilitando que os indivíduos atribuam significados, compreensões e interpretações diferentes para um mesmo texto. Dessa forma, o leitor enriquece a leitura com o seu saber, com o seu repertório, com as suas experiências.

Para Freire *et al.* (2021), a leitura pode ser enquadrada como um recurso para a promoção à saúde, haja vista que contribui tanto para o desenvolvimento da ludicidade como para o endereçamento de problemas, de angústias, de incertezas, do medo e da solidão, por exemplo. Além disso, o contato com a literatura, como já proposto por Candido (2010), pode contribuir para a humanização, por meio de uma leitura de mundo capaz de abarcar a incompletude de nossa condição, e nos aproximar da essência humana representada na apreciação do belo, na tolerância, no contato



com o diferente, no diálogo que busca o novo, a proximidade e a conexão entre as pessoas.

Diante do panorama apresentado, este ensaio teórico tem como objetivo refletir sobre como a poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) pode ser disparadora de uma leitura de mundo mobilizada pelo contexto da pandemia da COVID-19.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo teórico. Os documentos analisados foram os livros *Antologia poética* (1962) e *Alguma poesia* (1930), ambos escritos por Carlos Drummond de Andrade. O primeiro, *Antologia poética*, foi escolhido por ser uma reunião de poemas já existentes e outros inéditos, organizados pelo próprio autor, mostrando plena consciência de seu repertório. O livro é organizado em nove seções temáticas e oferece uma visão ampla da criação poética de Carlos Drummond de Andrade, desde seu começo até o início da década de 1960, quando fora publicado. Já o livro *Alguma poesia* foi selecionado em função de ser a primeira obra publicada do autor. Nele Drummond explora questões do cotidiano, sentimentos e amarguras, permitindo uma leitura que se aproxima do campo da saúde mental.

Em termos do método empreendido, foi realizada a leitura integral das obras e, posteriormente, houve a seleção dos poemas relacionados ao tema do ensaio. Há que se considerar que os poemas foram escritos em uma época anterior à pandemia da COVID-19, mas que permitem ou podem disparar reflexões sobre o mundo pandêmico (Scorsolini-Comin, 2022). Os poemas selecionados tratam de aspectos como a solidão, a sobrevivência, as mudanças cotidianas, a morte e finitude da vida, por exemplo. Após





a seleção, os poemas passaram por uma análise mais aprofundada, para destacar a visão drummondiana do mundo da época com o contexto vivido na pandemia da COVID-19. As questões mobilizadas pela leitura dos poemas foram refletidas com o apoio da literatura científica produzida sobre esses temas, como a saúde mental na pandemia, a convivência com a morte, a desesperança do mundo, a importância da literatura e da arte no processo de cuidado, bem como a tristeza, o luto, o isolamento social e seus malefícios para a saúde psíquica.

Esse percurso aqui descrito, no entanto, produziria uma visão linear para a obra do autor, posicionando-o como um escritor que ultrapassaria a sua época devido fundamentalmente às suas características pessoais e seus marcadores de estilo, por exemplo. Também possibilitaria uma visão de interpretação como um processo que reafirma a transparência do texto.

Entretanto, questionamos a linearidade, bem como a ilusão de transparência da linguagem. Por isso, a análise do discurso pecheutiana, a AD, foi empregada neste estudo com vistas a problematizar o lugar assumido por um sujeito-autor capaz de retratar a sociedade de uma época. Paradoxalmente, essa posição permite a esse mesmo sujeito-autor ser discursivizado como atemporal por, de certa forma, construir uma visão de mundo que ultrapassaria o universo das experiências individuais e datadas, produzindo reverberações, por exemplo, em nosso contexto contemporâneo.

Na presente análise, partimos da noção de sujeito assujeitado e interpelado pela ideologia, conforme trabalhado pela AD (Pêcheux, 2009), em que os posicionamentos assumidos não são neutros, mas atravessados pelas ideologias e pelos sentidos circulantes, de modo que não é possível a esse sujeito recusar-se totalmente a essa inscrição. Outro ponto de ancoragem



é a noção de autoria (Orlandi, 2007), que envolve a necessidade de o sujeito se posicionar na origem do seu dizer, podendo sustentar um texto coeso, com amarrações, passível de sentido, buscando controlar a deriva e a dispersão do dizer. Com essas noções, podemos nos distanciar de uma visão de autor como sujeito psicológico detentor de um estilo único para a de um sujeito-autor como aquele que assume uma posição capaz de capturar e problematizar o modo como a ideologia produz determinadas formações discursivas que promovem a ilusão de ser o autor a origem do seu dizer e este poder representar, com transparência, o seu sentimento sobre o mundo.

### **ALGUMA POESIA E A SAÚDE MENTAL**

No livro *Alguma poesia*, são explorados sentimentos, amarguras, medos e inquietações que relacionam as experiências de um mundo interno aos acontecimentos do cotidiano. A dimensão política emerge como costura para esses sentimentos, como a evocação do contexto social brasileiro.

Um dos poemas mais emblemáticos desse período, escrito ao final dos anos 1920 e início da década de 1930, é *O sobrevivente*. Nesse poema, o eu lírico explora a evolução da humanidade, ao falar do que ainda viria a ser nomeado como a globalização, bem como a da violência e da desumanização das relações, expondo não apenas o seu descontentamento como a sua incredulidade diante de uma transformação do ser humano. Estando descrente desse processo de humanização, também se sente incrédulo em relação à poesia e à possibilidade de compor diante desse cenário desolador. Ainda que rejeite, em um primeiro plano, a possibilidade de escrever sobre esse mundo, contempla, em um segundo plano, a escrita da poesia como um processo humanizador, assim como defendido pelo poeta.



Vejamos:

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.  
Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia.  
O último trovador morreu em 1914.  
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquina terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.  
Se quer fumar um charuto aperte um botão.  
Paletós abotoam-se por eletricidade.  
Amor se faz pelo sem-fio.  
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a O Jornal que ainda falta  
muito para atingirmos um nível razoável de  
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoram  
e matam-se como percevejos.  
Os percevejos heróicos renascem.  
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.  
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

Desconfio que escrevi um poema.  
(Andrade, 2008, p. 83).

Esses sentimentos de desesperança e de incredulidade também parecem ecoar diante do cenário pandêmico: a tristeza com a evolução da humanidade e a sua impotência diante dos desafios do cotidiano. Há, ainda, uma descrença em relação à própria experiência humana – capaz de desenvolver tecnologias e, ao mesmo tempo, não possibilitar nossa evolução como espécie frente ao estabelecimento de relações de troca, de cooperação, de apoio mútuo (Scorsolini-Comin, 2022). Sentimentos semelhantes afloraram de modo significativo durante a pandemia da COVID-19, conduzindo até mesmo a quadros de agravos à saúde mental. No Brasil, por exemplo, o sentimento



de tristeza atingiu 40% dos adultos durante o ano de 2020, de instalação da pandemia no mundo (Barros *et al.*, 2020).

Embora o poema tenha sido escrito em um momento de desesperança, ainda no período entre guerras, após a gripe espanhola e a crise de 1929, que teve repercussões em nível mundial, este texto dialoga com o contexto de crise vivenciado a partir de 2020. *O sobrevivente*, nesse sentido, reflete a posteridade do humano diante de tantas intempéries, incertezas e desconstrução de um ideal em que o desenvolvimento humano, científico e tecnológico poderia reverter esses efeitos. Embora o termo globalização ainda não fosse corrente à época, o eu-lírico explora o desenvolvimento tecnológico – máquinas, botões e eletricidade – que poderiam, em tese, aproximar as pessoas e melhorar as suas vidas. No entanto, esses elementos promoveriam distanciamento e a descrença na possibilidade de a humanidade fazer frente aos desafios globais.

A globalização promoveu e tem promovido grandes mudanças econômicas, políticas e sociais. O advento do capitalismo costurando o sujeito contemporâneo não ocorre de modo natural, mas capturado pela ideologia (Pêcheux, 2009). Embora possamos pensar na dimensão social do sujeito dessa época, esse poema nos permite também considerar um sujeito individual que passou a ser questionado na pandemia. Durante o trânsito pandêmico, todo sujeito foi convocado a ocupar o papel de auto e hetero proteção, de se isolar, usar álcool em gel e lavar as mãos com maior frequência, por exemplo, visando não apenas a uma proteção individual, mas também coletiva. No entanto, nem toda a população pode seguir essas exigências, principalmente populações vulnerabilizadas e em situação de pobreza também decorrente da crise disparada pela pandemia (Firmino, 2020).



As dificuldades do sujeito da época de Drummond são revividas na economia capitalista e no modelo neoliberal predominantes na pandemia da COVID-19, promovendo e acirrando ainda mais a desigualdade. A tristeza do sujeito drummondiano é reavivada no sujeito contemporâneo que precisa conviver com dificuldades financeiras importantes e que compõem um estressor capaz de disparar o adoecimento, como a depressão em adultos. Além disso, os pensamentos sobre falta de recursos financeiros para comprar alimentos e medicamentos aumentam os impactos psicológicos da pandemia (Barros *et al.*, 2020), o que se assevera também quando consideramos os efeitos do distanciamento e do isolamento social prolongados, sobretudo durante a primeira onda da pandemia, em 2020 (Pereira *et al.*, 2020).

Isso nos leva a considerar que Drummond não está tratando de um sujeito psicológico, que pode controlar seu dizer e seu fazer, interessado na exploração de sua subjetividade enquanto escreve ou na tentativa de essa escrita representar unicamente a si mesmo. O eu-lírico discursiviza sobre o sujeito capturado pela ideologia (Pêcheux, 2009). As relações de exploração e de opressão em nossa sociedade são naturalizadas, privando esse sujeito de viver todas as suas possibilidades, restando-lhe sobreviver a um mundo igualmente cindido, em desmonte, em crise. Esse processo é tecido por um sujeito fragmentado, que vive a/na contradição, pois tenta denunciar as dificuldades, a tristeza, a opressão, ao mesmo tempo em que se vê imóvel diante das condições que o mundo apresenta. Um sujeito fadado apenas a sobreviver, a repetir e a se conformar com a impotência da condição humana, posto que, independentemente do contexto sócio-histórico, a ideologia atua como um mecanismo que faz parecer natural que as coisas sejam como se apresentam, em dado momento (Pêcheux, 2009), pode ser a guerra, a pandemia, o sistema capitalista.



## ANTOLOGIA POÉTICA COMO LEITURA DE MUNDO

A obra *Antologia poética*, publicada e organizada por Carlos Drummond de Andrade em 1962, é composta por poemas de outras obras do autor que perpassam diversos pilares temáticos. Na seção *Um eu todo retorcido*, primeira das nove seções do livro, Drummond traz o poema *Soneto da perdida esperança*: “Perdi o bonde e a esperança. / Volto pálido para casa. / A rua é inútil e nenhum auto / passaria sobre meu corpo” (Andrade, 2003, p. 23).

O poema mostra a desesperança do eu-lírico. Para além de uma compreensão desse sujeito psicológico diante de uma desilusão, por exemplo, deve-se pensar na dimensão de um sujeito interpelado pela ideologia (Orlandi, 2007; Pêcheux, 2009) que, por ser assim, tem a ilusão de poder representar um sentimento de desesperança que atravessa a própria condição humana. A literatura científica na área de saúde mental tem afirmado que a desesperança é um sintoma central da depressão (Ornell; Schuch; Sordi; Kessler, 2020; Pereira *et al.*, 2020). Dessa forma, um paciente deprimido não vê um futuro promissor para sua vida, podendo não desejar a continuidade de sua vida como um possível alívio para a situação que está passando. Conforme estamos argumentando, ainda que possa parecer que o eu-lírico esteja abordando uma vivência particular, pela AD sabemos que os sentidos construídos sempre podem vir a ser outros, uma vez que as condições de produção (Pêcheux, 2009) interferem no processo de significação. Pêcheux (2009) compreende as condições de produção como as circunstâncias de um discurso e que envolvem a relação dos interlocutores e do contexto sócio-histórico. Interpretar discursos de desesperança em um contexto de guerra ou de pandemia, por exemplo, pode produzir efeitos de sentido diversos, já que a interpretação não é única, ela é afetada pela ideologia, que está sempre relacionada à luta de classes (Orlandi, 2007).



O cenário pandêmico parece ter contribuído para esse sentimento mais coletivo de desesperança. A pesquisa realizada por Barros *et al.* (2020) revelou que 40% dos adultos entrevistados tinham sintomas de depressão e 50% possuíam sintomas de ansiedade. O poema, aqui, ainda que tenha sido escrito em um outro momento histórico, pode representar os sentimentos vivenciados pela sociedade atual, o que se aprofundou com a pandemia da COVID-19.

Outro sentimento bastante evocado na pandemia foi o de solidão, o que foi potencializado pelas recomendações sanitárias de isolamento social, em um primeiro momento, e de distanciamento social. Essas recomendações promoveram diversos afastamentos das relações sociais, o que impactou na construção e na continuidade de vínculos de trabalho, de amizade e amorosos. Em *A bruxa*, cenário semelhante parece ser descrito – de solidão em meio à existência de milhões de pessoas em uma mesma cidade, por exemplo –, mas em uma mobilização individual de isolamento do sujeito.

Vejamos:

Nesta cidade do Rio,  
de dois milhões de habitantes,  
estou sozinho no quarto,  
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?  
Ainda há pouco um ruído  
anunciou vida a meu lado.  
Certo não é vida humana,  
mas é vida. E sinto a bruxa  
presa na zona de luz.

De dois milhões de habitantes!  
E nem precisava tanto. . .  
Precisava de um amigo,  
desses calados, distantes,



que lêem verso de Horácio  
 mas secretamente influem  
 na vida, no amor, na carne.  
 Estou só, não tenho amigo,  
 e a essa hora tardia  
 como procurar amigo?  
 (...)

Estou cercado de olhos,  
 de mãos, afetos, procuras.  
 Mas se tento comunicar-me,  
 o que há é apenas a noite  
 e uma espantosa solidão.  
 (...)

(Andrade, 2003, p. 28-29).

O distanciamento social por longo tempo durante a pandemia aumentou a ansiedade e a depressão devido à separação forçada de amigos e familiares, por exemplo (Santana *et al.*, 2020). No entanto, a solidão não se refere apenas ao fato de se estar sozinho pela impossibilidade ou indisponibilidade para estar com outras pessoas. Refere-se a uma sensação de afastamento e de isolamento ainda que cercada por pessoas, como descrito pelo eu-lírico. Essa sensação conduz a uma experiência de desamparo, como se as relações e as vinculações existentes também não fossem capazes de fazer frente à sensação de estar só e em sofrimento.

Tal sensação descrita em *A bruxa* também está presente em *José*, poema emblemático da produção drummondiana:

E agora, José?  
 A festa acabou,  
 a luz apagou,  
 o povo sumiu,  
 a noite esfriou,





e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos, que  
ama, protesta?  
e agora, José?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

(...)  
você marcha, José!  
José, para onde?

(Andrade, 2003, p. 30-32).

Em *José* encontramos reflexões de base existencialista, como presentes em diversas leituras já endereçadas a esse poema. O eu-lírico apresenta o diálogo com um personagem que, mesmo sendo massificado em sua experiência como homem (o que pode ser indiciado pela escolha de um nome bastante comum, José), lança-se a um exercício reflexivo profundo que assevera o seu desconforto, o seu não saber e a sua incompletude. No poema, José não se trata de um sujeito psicológico, mas de um sujeito que



assume uma posição discursiva na qual está fadado a repetir. A contradição afeta o sujeito que se mostra em movimento, embora sem direção – “(...) *você marcha, José! / José, para onde?*”. Essa falta de direção é reforçada pelas perdas narradas ao início, em que a esperança por uma vida melhor se esvai diante do reconhecimento das dificuldades, dos dissabores, da própria incompletude do viver.

Essa visão pessimista emerge também em *Sentimento do mundo*:

Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo,  
mas estou cheio escravos,  
minhas lembranças escorrem  
e o corpo transige  
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu  
estará morto e saqueado,  
eu mesmo estarei morto,  
morto meu desejo, morto  
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram  
que havia uma guerra  
e era necessário  
trazer fogo e alimento.  
Sinto-me disperso,  
anterior a fronteiras,  
humildemente vos peço  
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,  
eu ficarei sozinho  
desafiando a recordação  
do sineiro, da viúva e do microcopista  
que habitavam a barraca  
e não foram encontrados  
ao amanhecer



esse amanhecer  
mais noite que a noite.

(Andrade, 2003, p. 154).

Com uma visão pessimista, o eu-lírico anuncia sua própria morte e a dos outros. Essa guerra pode ser interpretada como a vida e suas batalhas. Ademais, novamente o eu-lírico expõe seu medo de ficar sozinho e, ao final, conclui que o dia já amanhece escuro, triste e sem liberdade. Ao ser convocado para uma guerra para a qual não havia se preparado, reflete sobre o seu tempo e as suas intempéries. Ainda que esteja pessimista em relação ao mundo e aos homens, ainda conserva em si o sentimento do mundo, um modo de pensar e trabalhar com o afeto em meio ao desespero, o desamparo e a desesperança. Podemos dizer que essa visão de mundo também foi e tem sido evocada no contexto da pandemia, uma vez que esse momento histórico trouxe uma série de incertezas e de medos. Em meio a esse contexto, foi necessário seguir, ainda conservando, muitas vezes, uma visão pessimista do mundo, a exemplo do eu-lírico drummondiano.

Drummond é um poeta de seu tempo e que buscou abordar esse desconforto em diversos poemas. Um desses exemplos é *Elegia 1938*, que trata da melancolia em um contexto que antecede a Segunda Guerra Mundial.

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,  
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.  
Praticas laboriosamente os gestos universais,  
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,  
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue frio, a concepção.  
A noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze  
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.



Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra  
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.  
Mas o horrível despertar prova a existência do maquinário  
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas  
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.  
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.  
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota  
e adiar para outro século a felicidade coletiva.  
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição  
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

(Andrade, 2003, p. 157).

O ano de 1938 representa a crise social e política que o mundo atravessava e que culminou na Segunda Guerra Mundial, ocorrida de 1939 a 1945. O eu-lírico observa um mundo em degradação, denunciando a sua impotência diante de tudo. Trata-se da representação de um sujeito assujeitado no contexto capitalista e neoliberal, que pouco ou nada pode fazer em busca de melhores condições de vida ou contra a desigualdade. Indicia, assim, a insuficiência desse sujeito psicológico diante de um contexto macrosocial, como explorado na AD (Pêcheux, 2009). Acaba, pois, materializando o poder da ideologia, que costura uma noção de normalidade, de naturalidade com que a vida segue diante desse olhar que não se conforma, mas que, ao mesmo tempo, sucumbe. Esse sujeito não pode, sozinho, contrapor-se a um sistema que explora o trabalho e o humano, transformando-o em um ser fadado a apenas consumir e a não se posicionar por um mundo mais justo.



Acaba, pois, adiando o que chama de “felicidade coletiva” para o próximo século. Passados mais de 80 anos em que esses versos foram escritos, percebemos uma repetição desse processo que angustia o eu-lírico drummondiano e a geração da qual fez parte o autor: ainda corporificamos uma sociedade injusta e fortemente marcada por relações de exploração, produzindo desigualdades que nos matam e que nos fazem normalizar esse processo, como se o sujeito – que é assujeitado pelas condições de exploração, de desigualdades, marcado pela pandemia – fosse realmente impotente diante desse cenário. Aqui o homem se reduz à condição de observador de um mundo em crise, mas incapaz de fazer frente a esse esfacelamento justamente por pertencer a essa estrutura tanto do ponto de vista simbólico como ideológico e no domínio da linguagem – mesmo que possa se espantar com o mundo diante dos seus olhos, o que é capturado pela melancolia do poema.

Como a “felicidade coletiva” não é alcançada no século que sucede a escrita de Drummond, é *mister* refletir sobre a perenidade desse desconforto diante dos mesmos operadores do mundo no qual o autor habitou e refletiu em sua obra. Com uma pandemia em vigência, compartilhamos de seus sentimentos, o medo que permeia a vida e a tristeza de não poder alterar o que está acontecendo, a descrença na mudança e na própria evolução do humano diante de uma sociedade fadada ao colapso.

Finalizamos essas reflexões como o poema *Congresso internacional do medo*:

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,



cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,  
depois morreremos de medo  
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

(Andrade, 2003, p. 159).

O eu-lírico aborda de modo bastante explícito o sentimento do medo em sua sociedade. Explora medos ancestrais, como da morte e do que pode existir depois dela, mas também de uma morte social, da morte da democracia e da própria capacidade de humanização que permitiria a vida em sociedade. Explora-se, no poema, uma sociedade em ruínas, refém não apenas de um medo individual relacionado às nossas inseguranças e percursos de vida, mas a um medo perene que nos atravessa como sociedade, um medo da própria existência e do que fizemos coletivamente com essa dimensão.

Esse sentimento de medo e de instabilidade tem sido bastante evocado no trânsito pandêmico. Em meio a uma pandemia, quase toda a população ficou com medo, em alguma medida. O medo de morrer, de adoecer, de infectar os mais próximos, de sair de casa e de voltar para casa. Medo de não conseguir pagar as contas, de perder familiares e amigos, de perder a pretensa sensação de controle e de planejamento da vida. A preocupação constante impacta negativamente a saúde mental e contribui para quadros de transtornos mentais, levando os indivíduos a um sofrimento psicológico (Barros *et al.*, 2020).

Esses medos nos afligem em uma dimensão individual e relacionada às pessoas mais próximas, mas também capturam nossa condição humana diante da imprevisibilidade e de diversos processos sociais que concorrem com a pandemia. Como exemplo, citamos as questões políticas envolvidas no manejo da emergência de saúde global, os avanços das direitas ultraconservadoras em diversas partes do mundo, como nos países europeus e na América Latina, a iminência de conflitos



no Oriente Médio e os já instaurados que não retrocederam em função da crise sanitária, como os conflitos por terras, frente aos movimentos migratórios e no que tange à questão climática, apenas para mencionar eventos candentes nesse momento histórico. Assim, Drummond trabalha em uma esfera coletiva do medo, destacando esse sentimento como algo que nos constitui, representando, simbolicamente, uma sociedade do medo.

Ao extrapolar a dimensão do individual, Drummond coletiviza o nosso sentimento de impotência e a nossa própria fragilidade diante da vida, expressões essas que passaram a ser cada vez mais narradas durante a pandemia. Compreendemos que as questões abordadas por Drummond permanecem atuais, não apenas pela sua capacidade de descrever um mundo e o viver para além de sua época, mas pela condição humana. A cada tempo histórico apresentam-se diferentes desafios, também havendo a repetição de intempéries representadas por crises sanitárias e guerras, por exemplo, que só asseveram que a condição humana não pode se alterar como um reflexo direto de um aprendizado decorrente de experiências consideradas negativas e traumáticas, como nos conflitos por terras, nas disputas religiosas ou mesmo em relação à inovação no campo da imunização que, atualmente, esbarram em *fake news*, em desinformação e no negacionismo que compromete avanços conquistados pela ciência. Esse eu-lírico discursiviza sobre o seu pessimismo em relação à condição humana por observar esses ciclos históricos que se repetem e por uma evolução que não se dá de modo natural, como se cada nova experiência pudesse dismantelar aquilo que já se viveu.

Drummond, assim, captura a essência de uma repetição, de um desconforto e de um sofrimento que indiciam, para os analistas do discurso, a reafirmação de um sujeito assujeitado, cindido, que não pode individualmente responder ou mudar (Pêcheux, 2009) – o que nos leva a considerar o pessimismo e a impotência que



costuram os poemas aqui analisados. Esse pessimismo e essa sensação de não poder fazer frente ao medo e à condição que se impõem não revelam uma posição individual, mas, justamente, a sujeição desse sujeito a uma estrutura macrossocial, o que se materializa em uma interpelação do sujeito do discurso pela ideologia dominante. Nesse posicionamento, o sujeito, ainda que tenha a fantasia de controle individual, tende ao equívoco, ao deslize, assujeitando-se diante de estruturas sociais e linguísticas que o afetam. Esse processo nos ajuda a indiciar a nossa fragilidade diante do que vivemos, quer seja o contexto discursivizado pelo eu-lírico drummondiano, quer seja o contexto pandêmico recentemente mobilizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, diante de importantes textos de Drummond, presentes nas obras *Alguma poesia* e *Antologia poética*, pudemos refletir sobre o modo como o contexto de referência do autor parece dialogar diretamente com nossas condições contemporâneas, permitindo-nos a sensação de esses textos terem sido produzidos para retratar o que estamos vivenciando, de fato. Obviamente que a capacidade desse sujeito-autor drummondiano produzir textos que ultrapassaram um determinado contexto de produção destaca um traço importante da sua autoria e da construção de suas obras.

No entanto, é importante reforçar que, pela AD, não estamos tentando compreender a perenidade do autor como um sujeito empírico, mas, justamente, a manutenção das condições que tanto afetaram a sua produção, o que nos leva a recuperar o conceito de memória discursiva, que não se aloca nesse sujeito psicológico – Drummond – e na memória do ponto de vista cognitivo e das neurociências. Quando analisamos as condições de produção atravessadas pela pandemia, reforçamos que há uma atualização do medo, da tristeza, da desesperança, indiciando o





assujeitamento frente à destruição causada pelo vírus em termos de infecções, transmissão, sequelas e, em seu ápice, a morte, produzindo uma memória sobre esse dizer. Essa memória, portanto, contribuiria, segundo a presente análise, para o efeito de sentido que parece situar o eu-lírico drummondiano diante das condições de produção contemporaneamente mobilizadas no trânsito pandêmico.

Quando pensamos que esses poemas parecem representar nosso momento atual, de trânsito pandêmico, estamos considerando que o sujeito, interpelado pela ideologia, assume uma posição discursiva para dizer sobre o seu descontentamento, mas que, ao mesmo tempo, não consegue responder de modo a reverter o seu pessimismo, prostrando-se como ser impotente diante do mundo à sua volta. Tanto o sujeito representado na poética drummondiana como o sujeito contemporâneo são impossibilitados de reagir individualmente a um contexto marcado pela opressão, pela desigualdade, pela guerra, pelas crises sanitárias, políticas, econômicas e sociais – que nos atravessaram no século passado e que continuam a nos constituir no século XXI.

Esse sujeito assujeitado é o sujeito do capitalismo, das marcas do neoliberalismo, do esvaziamento e da padronização, como podemos observar em movimentos recentes da educação brasileira, que tem valorizado noções de competências que, por vezes, esmaecem o papel das ciências humanas e diminuem o espaço da literatura no processo formativo e de fruição no espaço escolar. Com isso, privilegia-se uma formação voltada exclusivamente ao mercado de trabalho, com prejuízo de uma formação mais questionadora, mais próxima dos vértices sustentados nas ciências humanas e sociais e na própria literatura. Isso promove, como efeito, uma sociedade que não consegue discutir a sua própria condição, mas que naturaliza esses movimentos como constitutivos de sua humanidade.



As reflexões operadas pelo contexto entre guerras no qual Drummond produziu boa parte de suas obras foram revisitadas contemporaneamente diante da maior crise sanitária do século, a pandemia da COVID-19, permanecendo os indícios de um sujeito que, individualmente, é incapaz de reagir, de promover a mudança, embora tenha a ilusão de ser um sujeito psicológico que tudo pode, que pode fazer a diferença, que pode ser outro após o trânsito pandêmico. Essa incapacidade de reagir e de transformar individualmente a realidade sustenta-se na consideração de que a pandemia, desde o seu início, demandou respostas institucionais, coletivas, posicionamentos partilhados e pactuados para cada onda que se sucedeu, aviltando a necessidade de um fazer com o outro, em relação ao outro, pelo outro.

Essa ilusão é desconstruída quando analisamos o sujeito drummondiano diante de um mundo que perenemente nos assujeita, produzindo o efeito de ser o mesmo sujeito que contempla a nossa sociedade atual diante da pandemia. Assim, para além da capacidade de o autor representar uma sociedade e seu porvir, assevera-se a perenidade de um sujeito assujeitado ideologicamente, oprimido pelo capital e convidado permanentemente a considerar a desigualdade como constitutiva de um mundo que ilusoriamente pode ser modificado pelo individualismo e pela capacidade de cada um reagir diante desse mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. **Alguma poesia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. 52 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BARROS, M. B. A. *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19.



**Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, e2020427, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/nFWPcDjfNcLD84Qx7Hf5ynq/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

FERGUSON, N. M., *et al.* Relatório 9: impacto das intervenções não farmacêuticas (NPIs) para reduzir a mortalidade por COVID19 e a demanda de saúde. **Imperial College COVID-19**, Londres, mar. 2020. Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-NPI-modelling-16-03-2020.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FIRMINO, P. C. S. Globalização e COVID19: Guerra contra um inimigo invisível. **Revista Contexto Geográfico**, Maceió, v. 5, n. 9, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/contextogeografico/article/view/10148>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FREIRE, K. T. *et al.* Leitura e saúde mental: concepções preliminares. **Revista Philologus**, v. 7, n. 79, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/83>. Acesso em: 15 abr. 2024.

JORGE, M. A. C.; MELLO, D. M.; NUNES, M. R. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimento - e luto: afetos do sujeito da pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SHLx7YvPkW8jTH7WvpqtsDn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

JUNQUEIRA, L. F. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Psicologia, literatura e saúde mental. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 10, p. e-2117404, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/17404>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MANDELBAUM, B. A Psicologia Social na universidade pública: uma prática psicanalítica de reparação da memória brasileira. **Psicologia USP**, São



Paulo, v. 30, e190031, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/ZGfhh98mm6Sj8HrBnhHmcqR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

OGUISSO, T.; SILVA, O. Literatura y enfermería: Fuentes y saberes para investigación en historia. **Cultura de Los Cuidados**, n. 47, p. 129-148, 2017. Disponível em: <https://culturacuidados.ua.es/article/view/2017-n47-literatura-e-enfermagem-fontes-e-saberes-para-pesquisa->. Acesso em: 15 abr. 2024.

OLIVA, J. T. O espírito do lugar na subjetividade de Drummond. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 73, p. 285-289, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/cBFDLyS9s83g8fpyYBp6scM/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 12–16, 2020. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/35>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PEREIRA, M. D. *et al.* Pandemia de COVID-19, isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 7, e652974548, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/493>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PFEFFERBAUM, B.; NORTH, C. S. Mental health and the Covid-19 pandemic. **New England Journal of Medicine**, v. 383, n. 6, p. 510-512, 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMp2008017>. Acesso em: 15 abr. 2024.



SANTANA, V. V. R. S. *et al.* Alterações psicológicas durante o isolamento social na pandemia de COVID-19: revisão integrativa. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, v. 2, p. 754-762, 2020. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/4706>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F. Nothing will be as it was: effects of the pandemic on young people's mental health. **SMAD – Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 3, p. 1-4, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/smad/article/view/213441/195456>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F. Uma leitura de O sobrevivente, de Carlos Drummond de Andrade, em tempos de pandemia. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-18, e02219, 2022. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/4462/3445>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F.; FIGUEIREDO, I. A. Concepções de saúde, doença e cuidado em Primeiras histórias, de Guimarães Rosa. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 883-897, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/3HnrZypFbmwDrhBYwRMryzL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SILVA, O.; ALVES, E. D.; RODRIGUES, M. C. S. Liricidade e toque de arte para a produção do conhecimento estético de enfermagem - uma reflexão poética inspirada na Teoria da Complexidade. **Cultura de los Cuidados**, v. XVIII, n. 39, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-127183>. Acesso em: 15 abr. 2024.

XIAO, C. A novel approach of consultation on 2019 novel coronavirus (Covid-19) related psychological and mental problems: structured letter therapy. **Psychiatry Investigation**, v. 17, n. 2, p. 175-176, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/en/covidwho-1913>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Data de recebimento: 03/01/2024

Data de aprovação: 08/04/2024

